Correio das Artes

Ano 1 Número 28 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 2-10-1949

VINHETA DE HERMANO JOSE'

As Rosas na Poesia Castelhana

JOSE' PLA'

AS rosas têm sido muito utilizadas na literatura universal. Têm sido utilizadas — por serem as mais belas flôres que existem — nas duas correntes essenciais da lírica ante o espetáculo das coisas efêmeras e da vida breve. Diante de tudo o que existe e passa e foge isto é, diante do tema morte, está a interpretação horaciana — o "carpe diem": — aproveita a ocasião antes que seja tarde, colhe as rosas da vida. Ronsard representa talvez o momento culminante desta tendencia nas linguas latinas Na literatura castelhana, porém, escassos são os representantes do "carpe diem". Um deles é Garcilaso, é um poeta absolutamente leigo. Apesar da época e do pais em que viveu, Garcilaso pouco escreveu sôbre temas escreveu sôbre temas religiosos. Não teve a fosforecencia mistica. Foi um poeta da vida terrena. Assim falara utilizando as rosas:

"Coged de vuestra alegre primavera
el dulce fruto, antes que el tiempo airado
cubra de nieve la hermosa cumbre.
Marchitará la rosa el viento helado,
todo lo mudará la edad ligera.
por no hacer mudanza en su costumbre".

E' necessario chegar quasi a Rubén Dario para encontrar, claramente formulado um poeta desta tendência. A interpretação epicuriana diante da morte, o "aproveita-te da hora antes de que seja tarde" "de Kayyaim, de Ronsard e dos sonêtos de Shakespeare, é expressada por Dario no seu Poema del Otoño." de uma maneira frenética:

"Gozad de la carne, ese bien
que hoy nos hechiza
y despues se tornará en polvo y ceniza.
Gozad del sol, de la pargana
luz de sus fuegos.
Gozad del sol porque manana
estareis ciegos".

E na "Canción de otoño en primavera" "utiliza as rosas:

"La vida és dura. Amarga y pesa.
Yá no hay princesa que cantar!
Mas a pesar del tiempo tereo
mi sed de amor no tiene fin:
con el cabello gris me acerco
a los rosales del jardim..."

Esta ideia se afasta da ordem de toda uma corrente literária que se deleitou ante a opinião contrária — que sustentou que a alma quando se apega aos bens temporais é porque está adormecida. — Dois versos de Dario são especialmente uma dissonancia muito forte na corrente a que nos referimos. São estes:

"Vamos al reino de la muerte
por el camino del Amor"!

O certo é que diante da fugacidade de tudo

MULHER BONITA

HEITOR SALDANHA

SOBES EM GIROS NA MANHÃ DE ESPELHOS
MEU BRINQUEDO DE INFÂNCIA QUE ME VOLTAS.
(MEU DEUS, MAS QUE DISTÂNCIAS NESTA VIDA!)
O PALHAÇO DO CIRCO ERA TÃO POBRE
QUE TINHA UM AR DE AUSÊNCIA RESVALADA.
TUDO ERA CRIANÇA, MATO E RIO.
HOJE MATO E RIO FICOU MULHER
TUDO ERA TÃO BOM FILTROU NA BRUMA
E EU QUE INVÉS DE GRAVE E TACITURNO
VINHA DESDE LÁ COM VOZ DE SANTO
PARA QUE A DISTÂNCIA ME MOSTRASSE
QUE ROSA E PUNHAL DANÇAM NA ARENA.

existe nesta lingua uma tradição de ascetismo de pessimismo seco, de irreparavel melancolia. Em quasi todas as liricas européias, os poetas convidam seus eleitores a colherem as rosas da vida, dado em definitivo, que só o fugitivo permanece no seu provavelmente eterno desenvolvimento. Más os liricos desta lingua dizem: morramos o antes possivel e entremos no que os teólogos chamam a vida unitiva, no viver que é perduravel".

Desde Manrique, a Epistola moral e os místicos, o tom é sempre o mesmo. Na "Noche serena", está muito bem definida a dialética desta corrente:

"Ay! despertad mortales;
mirad con atención en
[vuestro daño;
las almas inmortales
hechas a bien tamaño,
podrán viver de sombra
[y solo engaño?"

A tristeza da vida só tem uma solução: morrer para gozar da vida unitiva. Esta solução encontra-se em Manrique. Encontra-se na Epístola moral onde a vida não é nada.

"Como los rios que en
[veloz corrida
se llevan a la mar, tal
[soy llevado...
Que és nuestra vida
[más que un breve dia?
que és más que el heno,
[a la manãna verde,
seco a la tarde?"

O homem não tem nada que fazer neste mundo.

"Piensas acaso tu que
[fué criado
el varón para el rayo
[de la guerra,
para surcar el piélago
[salado,
para medir el orbe de
[la tierra?"

Se o homem não tem o que fazer neste mundo e não está feito para esta vida, é natural que tudo acabe da maneira habitual. Assim o diz a canção:

"Cada vez que considero
[
que me tengo que morir
tiendo la capa en el
[suelo
y me harto de dormir".

Esta canção é tipica de uma concepção do mundo, descobre uma situação moral. Uma tonelada de literatura popular realça esta situações a aclara em todos os seus mais variados aspétos. Há uns versos que dizem:

"El vivo vive del tonto
y el tonto de su trabajo..."

Contra toda essa corrente levanta-se o Teorema LXVII de Spinosa que diz: "O homem livre não pensa em nada menos do que na morte e sua sabedoria não consiste numa meditação da morte, más da vida." Este teorema é a quintaessencia do ocidentalismo.

Más, voltemos ás rosas. As rosas são utilizadas nesta corrente lirica com menos frequencia do que na corrente do "carpe diem." Rioja chora, nas rosas efémeras, o destino do homem e diz:

"Como neces tan llena
[de alegria
si sabes que la edad que
[te dá el cielo
és apenas un breve y
[veloz vuelo?"

E Calderon parece responder com idéntica e monótona gravidade:

"Despertando al albor
[de la manana
estas que fueron pompa
[pa y alegria
a la tarde serán lástima,
[vana:"

E' a mesma ideia do outro clássico:

"Al amanecer, las rosas
[madrugaron
y para envejecerse flo-
[recieron.
Cuna y sepulcro en un
[boton hallaron...
Tales las vidas de los
[hombres fueron
que en un dia nacieron
[y expiraron!"

Soror Joana Inés da Cruz desde Mexico, confirma no seculo XVIII, este sentir. Escreve de seu retrato que

"E's cadáver, és polvo,
[és sombra, és nada."

Na América, porém, esta corrente não se arraigou muito. Vimo-lo em Darío. Amado Nervo, mexicano também e ás vezes mais profundo que Darío, segue esta tendencia.

"Serena tu espiritu,
[vive
tu vida en paz.
Si solo eres sombra que
[traga
la eternidad,
por qué te torturas, por
[qué
sufrir, llorar"?

Alguns escritôres franceses sustentaram que a palavra "mistificação" vem de mistica. E' por acaso sincera, é verdadeira a corrente que nos convida a morrer quanto antes, dado que não somos feitos para a vida terrena? Não o sei. Tenho cinco-enta e dois anos, tenho convivido com muita gente e nunca conheci ninguem que tivesse realmente estando são, pressa de morrer. Tenho ouvido, pelo contrário, dizer muitas vezes: Para morrer sempre teremos tempo. Já se sabe que a vida costuma ser dura e amarga. Mas tem seus momentos. E o que realmente está infundido numa mentalidade normal é o verso de Boscán:

"No és perpetuo el placer ni lo és el llanto."

O que é exatissimo. Ha um rito de Hebbel que reza: "Não queiras ver demasiado, porque se percebes primeiro os mortos na terra, já não verás as flores." E nos sonetos de Shakespeare, onde as rosas são tão belas, o são ainda mais as rosas da vida. Esta é a lirica geral europeia com a excepção que fizemos.

O tema das rosas é innexgotavel. Na lirica portuguessa poderão facilmente ser encontradas, — em Jogo de Deus por exemplo, — poesias deste tema ligadas á tendencia universal. Na literatura inglesa, a rosa é um fator permanente

A União
Fundada em 1892 Patrimônio do Estado
Diretor: SILVIO PORTO
CORREIO DAS ARTES
Orientação de EDSON REGIS

Anotações á Margem do "Shi'p Log"

GASPARINO DAMATA

TRINIDAD, verão, 1945. Do passadiço do "Astrid" sigo os movimentos pesados e lentos do imediato Niels Pedersen, que de cachimbo à bôca passeia pelo convés de baixo, todo entregue a si mesmo, fechado no seu mundo de gigante nórdico. Digo gigante porque é um rapagão de meia idade, de quase dois metros de altura, espadudo, com uns cabelos de um louro puxado a vermelho, e um par de olhos marinhos, liquefeitos — um azul mortiço que a gente nunca sabe os sentimentos que exprimem, ou que poderiam exprimir. Ninguém pode dizer que Niels Pedersen seja um mau chéfe: raramente troca uma palavra com um marinheiro, uma palavra além do necessário, até mesmo quando o trabalho não está decorrendo como êle desejava, porque êsse ou aquele subordinado esteja demasiadamente bêbado, ou coisa que o valha. Fala quase por monossílabos e nunca se exalta nem se irrita por coisas insignificantes, como os demais oficiais de bordo. Vive uma vida quase monacal; calado para o seu canto, lendo livro após livro, ou fumando, simplesmente fumando. Uma criatura estranha, rara. Lembro-me aliás de uma certa carta que há anos recebi de um amigo, da Escandinávia, na qual êle me dizia: "Vê-los assim aos bandos, caladões, pensativos, irrita-me. Confesso que tenho vontade de arrumar as malas, tomar o primeiro navio e deixar tudo isso. Mas por Deus, como? se essa gente tem a fascinação do Desconhecido!" Creio que eu e o imediato Pedersen nos entendemos maravilhosamente bem, embora sejamos dois polos completamente opostos. Êle é um chéfe, enquanto que eu não passo de um simples subordinado... E, se quisesse arriscar um pouco mais, diria: eu sou como um prelúdio dessas tempestades tropicais que se desencadeam nos meses mais quentes do ano, essa agitação de ventos doidos nas palmeiras, êsse calorão abafado que comprime, sufoca lentamente; ao passo que êle é justamente o reverso: êle é bem um pouco dessa paz, dessa calmaria que se sucede aos infernais tufões, essa tranquilidade, essa placidez de que se reveste a Natureza, depois de tudo passado. Mas, dêle para mim (e quanta ironia vejo nisso!) emana uma muda e misteriosa comunicabilidade, que se cristaliza numa compreensão mútua, tácita, a despeito da diferença de nossas idades, de nossos postos a bordo, e mormente da nossa educação tão diversas... Acho que a palavra mais certa para justificar êsse estado de coisas è "simpatia". Pois bem, essa simpatia que êle me dedica, manifesta-se através de uma palavra que me é dirigida de raro em raro, um gesto seu mais delicado, ao pegar na xícara de café que lhe levo numa bandeja de aluminium, tôdas às três horas da tarde, etc. Revela-se num olhar menos sisudo, na sua voz menos ríspida, mais sonorosa e principalmente nêsse período de tempo em que me abstraio do próprio tempo, isto é, enquanto êle deglute seu café, sustendo o pires no côncavo da mão, e levando a xícara aos lábios com a outra, olhando para um ponto fixo, sem pestanejar. De pé, sem mover um cabêlo, sob o ritmo de minha respiração lenta, compassada, eu o observo, procuro virar-lhe a alma pelo avêsso, mas que consigo eu?... Porventura todo homem não é um indesvendável mistério? No entanto, simpatisamo-nos mútuamente; e com isso não quero dizer que eu seja excepcional, melhor ou mais disciplinado do que os meus companheiros de convés. Ao contrário, acho que dentre êles todos, sou o menos hábil e o mais indisciplinado. Essa simpatia que êle me dedica, só se justifica de dois modos, ao meu vêr: primeiro, talvez porque eu seja branco, e como tal, tenha traços mais aproximados dos de sua raça; ser branco significa muito a bordo dos navios escandinavos. Em segundo lugar, talvez porque... Mas, à guisa de que justificar, ou procurar justificar com palavra isso ou aquilo que sentimos por um semelhante nosso — o amor de um pai pelo seu filho predileto, a adoração de uma criança por um animalzinho raro, êsse conjunto de átos e sentimentos inexplicáveis, mormente essa onda de amizade viril que sentimos por um superior amado, por um companheiro de aventuras, ou por um irmão mais velho? Seja como fôr, êsse gigante nórdico me fascina, deixa-me curioso, mas impregnado dessa curiosidade doentia, perversa que leva, por vêzes, o indivíduo mais moderado, mais sensato a praticar certos átos temerários, até mesmo ridículos. Por exemplo: outro dia, enquanto fazia a

Associando-se às comemorações do Primeiro Centenário do Nascimento de Antonio Alfrêdo da Gama e Mello, a Associação Paraibana de Imprensa, por intermédio do seu presidente, jornalista José Leal, convidou o acadêmico Juarez Batista, nosso colaborador, para realizar uma conferencia, sôbre a personalidade do saudoso estadista paraibano.

A conferência intitulada UMA FIGURA DO PATRIARCADO URBANO DA PARAIBA, foi pronunciada quinta-feira última ás 20 horas, tendo comparecido á mesma destacadas figuras dos nossos circulos sociais, escritores e jornalistas.

O cliché fixa um flagrante da solenidade, quando falava o conferencista.

arrumação do camarote do meu silencioso amigo, deparei-me com uma carta vinda para êle da Dinamarca. Coloquei a vassoura de lado, e fixei tôda minha atenção sôbre aquelas quatro polegadas quadradas de papel, como se nelas se encerrassem o destino de um homem, revelassem os indevassáveis segredos de uma vida vivida no mais absoluto silêncio, no mais terrível dos anonimatos. Dominado por uma comoção febril, toquei com os dedos trêmulos no envelope pardo, e num gesto inconsciente, quase pontifical, levei-o ao ar e fiquei examinando-o com os olhos embaralhados pela comoção... Dentro do camarote, tudo como que parou de repente; meu coração martelava forte (estava na iminência de praticar um ato imperdoável, numa traição...) e minha respiração cada vez opressa, dificultosa. Passado um minuto (que noção os criminosos têm do tempo, quando praticam os seus crimes?), com a carta ainda suspensa, diante dos meus olhos esgaziados, senti que meus dedos começavam a queimar como fôgo!... Envergonhado, caindo em mim mesmo, resolvi repô-la no lugar de onde a retirara, e continuei a limpeza do camarote, sem no entanto conseguir afastar da mente uma aglomeração de pensamentos turvos, desordenados, que me verrumavam os miolos e aumentavam as minhas dúvidas... Depois pensei comigo mesmo: sou um dos homens mais achegados a essa criatura taciturna, fechada. No entanto, que sei eu de sua vida empenumbrada, vivida numa atmosfera de estonteante bruma e de pesados silêncios? Aqui está o seu camarote: corro os olhos pelas paredes alvas e onde estão os retratos dos seus pais, de sua noiva, mulher ou esposa falecida, dos seus filhos menores, irmãos ou parentes mais afastados? Onde está um só indício de que êsse homenzarrão louro e taciturno, êsse inveterado sonhador tenha tido um lar, resquícios de uma infância já apagada, entre os infindáveis trigais de sua prália, ou adolescente arrogante e belo, de leme à mão, navegando por entre uma infinidade de minúsculos barcos de pesca, ancorados nas enseadas tranquilas de sua lendária Dinamarca? Que sabemos de sua infância? E o que resta de sua adolescência de nórdico melancólico? Alguma obscura tragédia na sua vida aparentemente tão calma? Alguma mancha negra que logo cêdo lhe empanou o céu de sonho? Quem sabe? Há nêsse homenzarrão calado, de gestos lentos e pesados, algo de firme, inabalável, um mar sereno, onde as possíveis tragédias morrem, abortam, se dissolvem na espuma de uma ou outra onda mais forte, que ouse levantar-se... Em Niels Pedersen todos vêem uma harmonia de pensamentos puros, ordenados, e sua vida, sua fôrça de caráter aliadas aos seus modos cavalheirescos, e uma conduta sã, irreparável, todo êsse conjunto de belas qualidades morais, tornaram-no uma figura quase lendária a bordo dêsse navio... Niels Pedersen se assemelhava a umas galeotas Vicking, manobradas por uma turma de adestros remadores — estirpe heroica de primitivos escandinavos, deslizando magêstosamente sôbre um mar sereno, sem rugas, sem prenúncio de possíveis tempestades... Mas, estranho: há momentos em que vislumbro uma certa inquietação nêsses olhos belos, liqueleitos, e descubro nos seus intermináveis passeios noturnos pelos convezes solitários, algo que ninguém mais percebe: nos seus olhos infantis brilha um clarão de labaredas tão vorazes, que o gigante nórdico geme, adorna e vagarosamente, tal qual um navio se debatendo num mar selvagem de verdes chamas, minutos antes de sossobrar...

RESSURREIÇAO — ALBERT DURER

Aspectos da Conferencia de Araxà

LOPES DE ANDRADE

II

A atuação de alguns jovens escritôres brasileiros na Conferência de Araxá foi, de certo modo, bastante indicativa de quanto os "novos" — uma bôa parte dos "novos" pelo menos, justamente aquela que se preocupa com o SOCIOLO'GICO na literatura e que, na opinião do Prof. Pinto Ferreira, estaria sendo sabotada ou como que afastada da linha de frente na luta entre as gerações — não andam somente voltados para os poêmas, os contos ou o romance. Sem desdenhar das atividades estéticas, êles reclamam também seu logar ao sol entre os engenheiros da sociedade, entre os construtôres de civilisação, no sentido de ordenhar-lhes os movimentos e de enquadrar a evolução social dentro das conquistas do pensamento cientifico.

Com efeito, esta foi a impressão que guardei da atuação de José Stenio Lopes, que integra o grupo de "Clã," no Ceará, que já lhe publicou dois livros; de Osvaldo Lamartine, do grupo de "Nordeste", em Recife, onde tem publicado interessantissimos estudos sôbre os métodos de caça e pesca no Nordeste; de Leonardo Bezerra, de Aluisio Afonso Campos e de tantos outros que atuaram com brilho e destaque em Araxá.

Tive, como já salientei alhures, minhas divergências com os cearenses, acêrca das causas e condições dos êxodos nordestinos. Estas, porém, resultaram de observações diversas, ou de angulos diversos de onde haviamos, simultaneamente, observado aqueles êxodos. Julgo necessário, porisso mesmo, esclarecê-las melhor aqui, afim de que o público tenha conhecimento da importancia e oportunidade dos nossos debates em Araxá.

Os Estados do Nordeste não posuem estatisticas oficiais acêrca dos êxodos, que periodicamente nos afligem. Para estudar êsses êxodos tive de recorrer a estatisticas do Estado de São Paulo, outras de estudiosos do Amazonas e do Pará e ainda outras da Coordenação da Mobilisação Econômica. No Nordeste são encontradas, apênas, as estimativas contidas nos livros clássicos sôbre a região, como "A Paraiba e seus Problêmas", de José Americo de Almeida, "História da Sêca do Ceará", de Rodolfo Teofilo, "Sêcas contra Sêcas", de Felipe Guerra, no Rio G. do Norte, etc.

Os pontos de vista de Stenio Lopes, da delegação cearense, firmavam-se todos em estatisticas originárias de duas apenas das quatro fontes acima indicadas: da Coordenação e dos livros clássicos sôbre o Nordeste. Faltava-lhe, portanto, o conhecimento das estatisticas paulistas e dos estudiosos amazonenses e paraênses que, não só completam o conhecimento do fenômeno migratório nordestino, como o apanham em TODA a área onde o mêsmo se apresenta que não é só o Nordeste. Daí, as nossas divergencias, antes de interpretação que de julgamento dos fatos.

As estatisticas da Coordenação da Mobilisação Econômica, por exemplo, informam que, em 1943, se deslocaram para o Amazonas, encaminhados pela SEMTA e a CAETA, 12.442 trabalhadôres nordestinos. Omitem, no entanto que, no mêsmo ano de 1943, se encaminharam para São Paulo, por si mêsmo ou iludidos por aliciadôres, 14.578 trabalhadôres nordestinos — o que nos revela, entre outras coisas, que mêsmo o recrutamento oficial para a chamada "Batalha da Borracha" — um dos capitulos mais nêgros das nossas migrações internas — não fôra suficiênte para esgotar o estoque das "displaced persons" (pessôas deslocadas desejosas de emigrar) então existentes no Nordeste.

Mas, as estatisticas paulistas se tornam ainda mais importantes quando se prestam a comparações das nossas migrações internas com a imigração estrangeira. Até 1914, por exemplo, para 25.644 trabalhadôres nacionais (mineiros e nordestinos) chegados a São Paulo, registram as estatisticas paulistas

O REVERSO DE HOJE

LÊDO IVO

OBEDIENTE AO CICLONE, CEGASTE NOSSOS OLHOS
MAS O QUE OCULTASTE SE RECOMPÕE AGORA
E, UNIDOS AO QUE CONTEMPLAMOS, SOMOS JARDIM.
ANIMAIS AO OUTONO, ÁR VORE DE PEDRA, E ÁGUA
QUE ANTES FÔRA CHUVA E NUVEM E CÉU BEM ANTES.

NEM SÓ AREIA ERA O MUNDO. NEM SÓ O ESQUIFE
Á NOITE, NA IGREJA, ESPERANDO O AMANHECER.
ACIMA DE TI, AREIA, SIMULACRO DA MORTE,
ESTÃO AS CIDADES, AS PONTES, OS NAVIOS,
E O HOMEM QUE LUTA COM O PÓ, SUBJUGA-O, SOPRA-O.

TODAVIA NÃO É BASTANTE. SEM SER A ALMA EMIGRADA,
ALGO FICARÁ NA TERRA, PARA OS QUE NOS SUCEDEREM
JÁ NÃO SERÁ O VERSO, MAS SUA INESPERADA EXEGESE
NUM UNIVERSO DIFERENTE: A VIDA INTERPRETADA
EM ALGUNS SIMBOLOS DISPERSOS, INCESSANTEMENTE.

a chegada de 1.670.451 estrangeiros. De 1015 a 1930 a percentagem de nacionais sobe para .. 255.142, enquanto a de estrangeiros desce para 911.961. De 1931 a 1947, com as restrições imigratórias do Governo Vargas e a guerra, a situação inverte-se quase completamente, verificando-se a chegada a São Paulo de 773818 nacionais contra a chegada, apenas, de 198.054 estrangeiros.

O exame da repercursão, que essas e outras variações do fluxo migratório para São Paulo alcançaram sôbre a nossa região, levou-me a afirmar em Araxá que uma simples mudança do meio sócio-cultural paulista tem sido capaz de provocar êxodo no Nordeste maiores do que os provocados pelas maiores sêcas.

E isto que, por um lado, parece confirmar a natureza exclusivamente patológica das migrações nordestinas, tal como as entendem os cearenses, por outro, o que verdadeiramente confirma é que no Nordeste, em consequência das sêcas, da produtividade intermitante e das condições primárias do trabalho agrícola, há um potencial emigratório sempre á espera de "fatôres atrativos," de solicitações exteriores, para se transformar, de momento para outro, numa corrente humana desordenada, maltrapilha, suja e faminta, como a que vi com os meus próprios olhos, não faz ainda um mês, com as suas rêdes armadas na carrosseria dos caminhões, viajando semanas inteiras ao sol e á chuva, em demanda do Rio e São Paulo...

O conceito de população excedentária decorre, principalmente, de uma relação de espaço-e-massa. Neste sentido, é claro, não há rigorosamente população excedentária no Nordeste. Mas, se atentarmos para o passado de nosa região, cuja massa humana está periodicamente sujeita a deslocamentos, que ainda hoje se repetem provocados pelas sêcas, e para partes consideraveis do espaço regional nordestino praticamente inabilitaveis no seu estado atual de aridez, então não há a menor duvida de que, em certos momentos de nossa história, temos uma população excedentária, com a qual não sabemos o que fazer, nem nos é lícito proibir que emigre.

Em Araxá discutimos tudo isso, mas, infelizmente, os agricultôres e industriais do Sul e mêsmo alguns estudiosos da matéria, não ligaram muita importancia ás nossas discussões, que fôram patrioticamente empurradas para um sub-plano da imigração estrangeira. Os êxodos nordestinos, no entanto, não são um fenômeno de simples fluidez da população rural, ou de sua mobilidade. Eles já avançaram até um tipo de migração propriamente dita, são algo muito mais sério e mais complexo. O cerne da nossa população rural, que se compõe de mais de 3 milhões de individuos, está sendo atacado por um mal súbito e violento; as causas desse mal, entretanto, vêm de muito longe e não podem ser debeladas com medidas de emergência pensadas e postas em prática ao sabor dos acontecimentos.

Fala-se atualmente muito na liberdade de ir e vir, nos direitos do cidadão, como obstáculos ao emprêgo dos remédios necessários á cura dos males migratórios. Deve a questão ser colocada nesses termos? Claro que só os leigos em assuntos sociológicos têm tal pensamento.

O Prof. Gilberto Freyre, á cuja iniciativa devemos a recente criação do "Instituto Joaquim Nabuco", destinado á pesquisa das condições de vida do pequeno proprietário agrário nordestino, aponta o caminho certo a seguir para a solução do problema das nossas migrações. Antes de pensar na limitação, por meios compressivos, dos êxodos régionais, o que devemos é saber por que tais êxodos ocorrem; em que condições ocorrem; e no meu modo de ver, por que tendem a ocorrer, cada vez mais.

O aliciamento é um crime, que a lei pune; mas a migração é um fenômeno sociológico complexo, que requer estudos e não punição. Isto é o que precisamos urgentemente compreender. Enquanto não dispuzermos de bôas estatiticas e de um completo conhecimento do fenômeno migratório nordestino, todas as soluções que logo nos vêm á mente serão sempre simplistas, como a do emprêgo da policia, e chocar-se-ão sempre com pontos de vista igualmente simplistas, como o da "liberdade de ir e vir," que qualquer técnico do direito não ignora estar na dependência de vários fatôres, inclusive do preceito constitucional de que "ninguem é obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa, senão em virtude da lei"

Quando se demonstrar patentemente a gravidade do desequilibrio interno do paiz — das suas regiões econômicas, sobretudo — causado pelos êxodos sucessivos da população rural, que não encontra meios regulares de fixação nos campos e procura-os, desordenadamente, na mobilidade e na migração, então as soluções que nos ocorrerrão ao espirito serão outras bem diferentes da policia, e nenhuma se chocará com os direitos do cidadão — porque as soluções cientificas têm esta decisiva vantagem, sôbre as do empirismo e da tradição: poucos são os que duvidam de sua necessidade e eficácia e muitos são os que sabem que elas decorrem da natureza dos próprios problemas e não há como não aplicá-los para a resolução dos mesmos.

Coleção Homens 'do Brasil

CONTINUANDO a série de perfis biográficos, iniciada, com a publicação de "Coêlho Lisbôa," ha anos, quando ainda aqui na provincia, o sr. Luiz Pinto, acaba de dar á publicidade mais duas pequenas biografias, ("História da Vida do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes" e "História da Vida do General André Vidal de Negreiros," ambas na "Coleção Homens do Brasil" da Editora Minerva, Ltda., Rio, 1949.)

Não sendo trabalhis extensos, no entanto, encerram um bom material documentário.

O ESCRAVO E A FORCA

S. PATRICIO COSTA

A MARIO PEDROSA

O tema dêste episodio historico resulta dos depoimentos orais ouvidos na infancia, da gente do torrão natal, onde ocorreu a tragédia.

A RISONHA cidade da Borborema movimentava-se, entrava em rebolíço. Perdera o ar monótono e sombrio, peculiar aos centros silenciosos.

Travava-se eleição renhida.

Os partidos legendários da monarquia — o liberal e o conservador — encontravam-se em pleito, medindo fôrças eleitorais.

Influências partidárias fortes dos dois tados.

Bandeiras defendidas, em pé de guerra, por cabos de partido decididos e exaltados.

Prélio que não primava pelo semtido civico nem pela medida moral.

A história da magestade das urnas, no antigo regime, e nos primórdios republicanos, apenas denuncia a regressão da sociedade á vulgaridade das contradições.

No adro da igreja e pelos botecos e esquinas das ruas, se avolumavam magotes de eleitores.

Nas mesas protestos e mais protestos. Atuando em todas as sesções, o chefe conservador e o liberal, aparentavam calma.

E faziam praça de superioridade no esforço empenhado pelo apaziguamento do pleito. Por via de regra, essas declarações públicas eram contraditórias e divergentes das insinuações reservadas. Tanto que os seus guardiões desbosavam-se por toda parte, e por mais das vezes iam ás vias de fato.

Em verdade, era o que já vinha sucedendo; algumas figuras injuriavam-se.

Enquanto isso ocorria em secção lá fora outros faziam mais, não podendo, diziam, "engolir debique nem levar deboche pra casa". Assim, fechava-se o tempo, correndo sangue de narizes machucados e de cabeças quebradas. Eram divertidos êsses recontros sem armas; imperando no palco da truculencia só a capoeiragem.

As calçadas enfeitavm-se, como o colorido das gravatas espalhadas pelo chão e os chapeus levados pelo vento.

Um eleitor, não aguentando mais o arrocho dos burzeguins, sentara-se no último degrau da escadaria da igreja, com os pés pegando fogo. Um companheiro que chegara, lançou-lhe em rôsto que aquilo era o cartigo de haver êle vendido o voto. O castigo da pouca vergonha. Um outro, então gritou: — fala o sujo do mal lavado; você vendeu o seu aos dois partidos e enganou a Deus e ao diabo.

De repente, Padre Lucio surgiu ao lado e pôs termo á sujeira. Foi água fria na fervura. No dia subsequente veio a noticia da apuração — os conservadores ganharam.

Fôra eleito o dr. Chacon, coberto, galhardamente, por grande maioria.

O eleito radiante, expandiu-se com os correligionários, seguindo, ás primeiras horas da noite, para o sitio em que residia, perto da cidade. Habitualmente, vencia êsse percurso, sôbre fina e animosa montaria.

Mas nessa noite de alegria intensa, aguardava-o a meio caminho, surpresas de uma cilada.

O ódio latente e o despeito adverso explodiram e tramaram, á sombra das árvores, á beira de precipicios, receberam-no a tiros. Fugindo, dentro da escuridão, ainda incolume, foi, depois, alcançado por cargas ne fuzil. Encontraram-no caído num valado, esvaindo-se na agonia de mortiferos ferimentos. A pequena distancia, o cavalo contorcia-se com as tripas dilaceradas.

Vieram depois os esgares de vingança e os clamores de justiça.

Abertos devessa e processo, as autoridades revelaram-se inexoraveis.

Muita gente foi perseguida pela maldade complexa dos espíritos inferiores.

Sôbre um amontoado de depoimentos a provas cégas, o Promotor Público apresentou denuncia contra Carabrava e Severino Beljú, como autores do assassinio.

Do inquérito, dizia ressaltavam testemunhos concludentes e verdadeiros.

Mas os habitantes da cidade sabiam o que vinha acontecendo, para levar ao sacrifício da fôrca, um inocente.

PLAQUETES

"CAMÕES E NABUCO"

EM plaquete, o escritor Nilo Pereira, enfeixou a conferencia que proferiu, este ano, no "Dia da Raça", no Gabinete Português de Leitura do Recife, sobre Camões e Nabuco.

Trata-se de um bem feito e lógico paralelo entre esses dois grandes vultos da literatura de lingua portuguêse.

Ilustrada pelo pintor Manuel Bandeira, materialmente, a plaquete honra a arte gráfica pernambucana.

"MACIEL PINHEIRO — PEREGRINO AUDAZ"

ELEITO para a Academia Paraibana de Letras, o escritor Democrito de Castro e Silva acaba de publicar em volume o seu discurso de posse, naquela nistituição cultural.

Ocupando a cadeira 22, cujo patrono é Maciel Pinheiro, houve por bem, o novo acadêmico, intitulá-lo de "Maciel Pinheiro — Peregrino audaz", como o chamou Castro Alves.

O volume em aprêço, pelo rico material biográfico que encerra, bem demonstra a capacidade de pesquiza do seu autor.

"O CARDEAL MINDSZENTY E O ESPIRITO ANTI-RELIGIOSO"

SOB o titulo "O Cardeal Mindszenty e o Espirito Anti-Religioso", foi editado pelo Departamento de Publicidade, o discurso lido pelo sr. Otacilio N. de Queiroz durante a concentração católica de João Pessôa, em protesto á condenação do Cardeal Mindszenty, primaz da Hungria.

Trata-se de um trabalho digno de leitura meditativa. Embora não se tratando de um longo estudo, é, no entanto, como diria Mario de Andrade, pensamenteado.

E resguardavam-se, naquele ambiente de terror receiosos de lhes surpreenderem a indignação. Porque ninguem acreditava na culpabilidade de Beijú, um infeliz cativo que martirios da senzala. Sua fuga para o sertão, após brutais açoites, foi o movel que se arguiu para induzi-lo ao crime. Sómente essa circunstancia, a promotoria caracterizava como razão jurídica do atentado.

E ambos foram condenados a fôrca. O veredicto inviolavel tinha que ser cumprido. Transcorreram algumas semanas e veio a execução da sentença.

No dia, a lúgubre cerimônia enchera a modesta sociedade de grande tristeza.

O cortêjo sombrio, a melancólica litania as rezas de contrição e arrependimento, e Canabrava subia a tripeça diabólica e ao arrôcho da corda, morria.

No dia seguinte, a outra execução. Repetia-se o horrivel cerimonial, e o escravo Beijú, assombrado, subia ao olhar curioso de todos. O carrasco lhe pôs a corda ao pescoço e o impeliu ao alto da armadilha; quebrando-se a corda, caiu êle vivo, no chão. O laço partira-se. Substituida a corda, repete-se o fenômeno. Há um momento de pavor e comoção. Proclama-se a "uma voce" a inocencia do negro pelo milagre divino.

O tribunal, porém, protela e marca dia para outra execução.

Quinze dias depois encenar-se a mesma tragédia. O negro volta para a fôrca, o pescôço é enlaçado com poderoso cabo de linho. A corda não se parte, mas Beijú rola vivo, ao solo. Há invocações compungentes. Mas o algoz, obediente aos ditames da lei, completa-lhe a agonia, alheio ao mistério sobrenatural da Verdade.

1.ª EXPOSIÇAO DE "EXLIBRIS"

POR intermédio do seu Departamento de Difusão Cultural, vem realizando a Secretaria de Educação e Cultura uma interessante série de exposições culturais e artista no belo Salão Assirio do Teatro Municipal, dando assim cumprimento ao programa traçado pelo prefeito Mendes de Morais para o aprimoramento espiritual e intelectual do povo carioca.

Após o sucesso obtido nas Exposições de Caricatura, de Gravuras, de Arte Religiosa, de Fotografias Autografadas e de Filatelia, aquêle Departamento inaugurou, no dia 15 de agosto passado, a I Exposição de "Ex-Libris".

Na pravura aparece o "ex-libris" da senhora Ignez Mariz idealizado e executado por Alberto Lima, presidente do Clube Internacional de "Ex-Libris."

A legenda que se vê no centro do mapa é uma referencia á seção mantida pela romancista na revista "Eu Sei Tudo"; a paisagem reproduz um trecho da cidade paraibana de Souza, terra natal da escritôra, e o rio do Peixe, em cuja margem direita está localizada. A' esquerda ergue-se uma carnaubeira, árvore típica da região, e á direita um coqueiro planta característica do litoral nordestino.

Êste exemplar fez parte da "I Exposição de Ex-Libris do Rio de Janeiro".

O REGRESSO DE GARCIA VINOLAS

Regressou da Espanha o adido cultural desse país, sr. Garcia Vinolas. Espírito brilhante, já integrado nos meios culturais brasileiros, vem o ilustre embaixador realizando, entre nós, um trabalho intenso em nossos circulos intelectuais em favor da divulgação da civilização ibérica, á qual estamos ligados pelas mais intimas relações históricas.

Um dos maiores estorços já realizados por esse homem de letras espanhol foi a comemoração condigna do Centenário de Cervantes.

ANTOLOGIA POÉTICA DA NOVA GERAÇÃO

ORGANIZADA POR FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

GERALDO VIDIGAL

IV

GERALDO VIDIGAL nasceu em 18 de novembro de 1921. Bacharelou-se na Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo. Na Fôrça Expedicionária Brasileira, fundou e dirigiu o jornal "E A COBRA FUMOU", orgão do 1.º Batl. do 6.º R.I.. Estreiou em 1945 com um livro de poemas PREDESTINAÇÃO com prefácio de Mário de Andrade. Em 1948 com Domingos Carvalho da Silva e outros fundou a REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. Tem pronto um novo livro: "CIDADE". que o consagrará como um dos mais importantes poetas paulistas do momento.

CANÇÃO Á MARGEM DAS ESTATÍSTICAS

POR MAIS QUE AS LÂMPADAS BRILHEM
ENTRE OS DEDOS DE ALADINOS
— NÃO HA' ALADINOS PARA TODAS AS LÂMPADAS.

POR MAIS QUE O ÓPIO ACALENTE
E QUE RELUZAM MOEDAS
— NÃO HÁ ÓPIO PARA TODOS OS VÍCIOS
NEM MOEDAS PARA TODAS AS ARCAS.

EMBORA BROTEM PERFUMES,
EMBORA ESTRÊLAS RENASÇAM,
EMBORA VICEM AS ROSAS
E CARRILHONEM OS SINOS
— NÃO HÁ ESSÊNCIAS, NEM ESTRÉLAS,
NEM ROSAS NEM SINOS,
PARA TODOS OS MORTOS.

ENTRETANTO, UMA PRESENÇA VIGIA:
— VINHA ONDULANTE, CAMPO DE TRIGO,
LAGO DE SANGUE, BEIJO DE ANGÚSTIA,
PERDIDO ANHELO, PERDIDA BUSCA,
SONHO PERDIDO.

TÔRRE DE BABEL

CAULE E RAIZ, SOL E SOMBRA,
COMO BABEL TE COMPORTAS:
— CADA EMOÇÃO QUE SE AGITA,
CADA FANTASMA QUE BROTA,
CADA FIGURA EM DELÍRIO,
FALAM SUA PRÓPRIA LÍNGUA
NO TEU SER CONTRADITÓRIO.

CORPO DE ROSÁ-DOS-VENTOS,
FERIDO DE ENCRUZILHADA,
ENTRE CORSÁRIOS DE PRATA
DESGOVERNADO GRAVITAS;
E A CADA GOLPE DE NÚVEM
TEU EQUILIBRIO SE ALTERA.

SE RUDE, ALTIVO E SERENO
TE ERGUESTE EM FORMA DE TÔRRE,
É CERTO QUE SÓ BUSCAVAS
ABRANGER A VERDE TERRA,
VÁRIA, DESPERTA, SENSÍVEL.
— NUNCA ESCALASTE HORIZONTE!
FOSTE PUNIDO POR ÉRRO,
NÃO MERECES TEU CASTIGO.

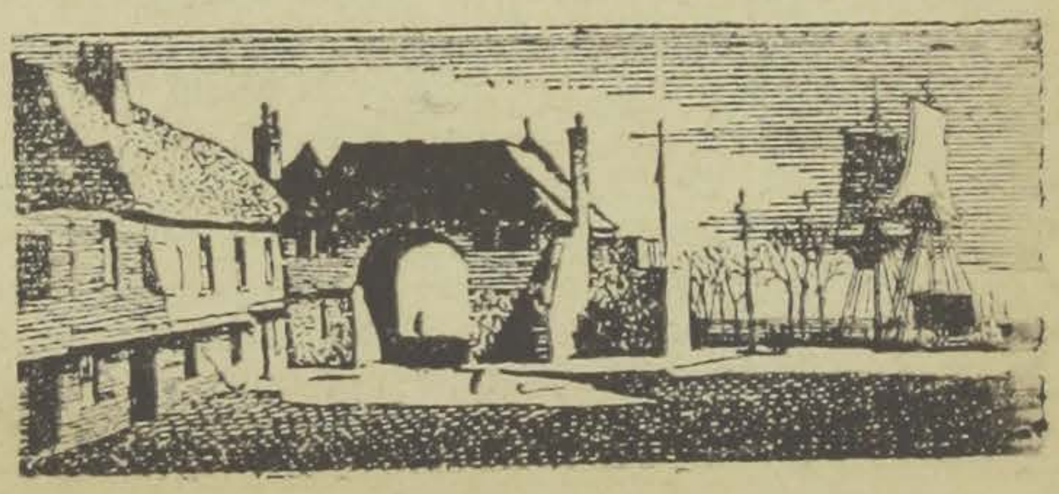
O FAUNO DE PEDRA

— SENHOR! SENHOR! PIEDADE!
FAZEI QUE SAIAM DO LARGO!
O POBRE FAUNO DE PEDRA
NÃO QUER SER VISTO A CHORAR.
UM VELHO DESCONHECIDO
POSTO DEFRONTE DO FAUNO
CANTA CANTIGAS TÃO TRISTES
QUE O ASFALTO SE LI QUE FEZ;
E OS GRÃOS DE ARROZ, QUE ATIRARAM
NA ÚLTIMA NOIVA DE MAIO,
GERMINARAM NUMA NOITE
— TÃO HÚMIDO ESTAVA O LARGO,
DE LAGRIMAS.

PIEDADE! PIEDADE!

FAZEI QUE SAIAM DO LARGO!
ATÉ ESTRÊLAS DESCERAM
PARA ESCUTAR AS CANTIGAS
QUE O VELHO SABE CANTAR.
E, NA CLARA LUZ DIÁFANA
QUE SE FEZ,
O POBRE FAUNO DE PEDRA,
DE INUTEIS MÃOS DELICADAS,
NEM PODE TOMAR DUM LENÇO
PARA OCULTAR DOS CURIOSOS
O PRANTO.

UM GESTO, SENHOR! UM GESTO!
SE NECESSÁRIO, EXPULSAI-OS!
NÃO HÁ ARROZ, NEM CANTIGAS,
NEM LUZ NENHUMA NO MUNDO,
QUE VALHA O PRANTO DO FAUNO
DE PEDRA.



IMPRESSÃO

ADALMIR DA CUNHA MIRANDA

UMA visita de dias às capitais de Pernambuco e Paraíba, deu-nos oportunidade de entrar em contacto com escritores moços que impulsionam o movimento cultural daquelas duas capitais, e permitiu-nos olhar de perto alguns aspectos culturais da região:

Em João Pessoa; Edson Regis dirige com admirável segurança o "Correio das Artes", suplemento literário de "A União" e, saliente-se, um dos melhores suplementos literários do Brasil. Os jovens intelectuais paraibanos qu se agrupam em torno do "Correio das Artes" tomam providencias para lançar a revista dos escritores moços de João Pessoa, "Moleque", cuja capa, especialmente confeccionada por Santa Rosa, já se encontra em poder do autor de "O Deserto e os Numeros". Nessa pequena capital brasileira há um traço interessante a salientar: Os escritores moços e os mais antigos se entendem da melhor maneira possivel e há, entre êles, amizade e consideração reciprocas. Oscar de Castro, presidente da Academia Paraibana de Letras, teve oportunidade de confirmar-nos isso pessoalmente, fazendo-nos as melhores referencias aos propósitos da rapazlada. Os meninos, por sua vez, disseram-nos do interesse de Oscar de Castro para dar nova vida à Academia de Letras, tirando-lhe aquele caráter academico de rotina, transformando-a num ativo centro de estudos. A Academia tem publicado regularmente a sua revista e pretende organizar um programa de estudos sôbre assuntos da Paraíba. Talvez seja João Pessoa a única capital brasileira em que se pode encontra êsse contrutivo espírito de compreensão entre moços e velhos.

No Recife, uma cidade bem mais ampla e agitada, o movimento cultural atinge proporções mais vastas. Nesse registro não nos é possivel fazer considerações extensas sôbre os vários aspéctos do movimento cultural pernambucano. As simples referencias servirão para dar uma idéia do assunto.

As comemorações do centenário de Joaquim Nabuco não se revestiram da grandiosidade que esperávamos. Não houve entusiasmo nem participação popular nessas comemorações. Os círculos oficiais organizaram conferencias de varios escritores, inclusive acadêmicos, mas se esqueceram de Gilberto Freire, o nome mais credenciado para ter prioridade de palavra nas comemorações do centenário de Joaquim Nabuco. Mas se o govêrno esqueceu Gilberto Freire, a mocidade pernambucana não o esqueceu. Isso é um fato que não se pode ocultar. Verificamos, no Recife, entre os estudantes, superiores e secundários, o respeito e consideração que lhes merece o sociológo de "Casa Grande e Senzala". O Diretorio Acadêmico da Faculdade de Direito trouxe Gilberto Freire ao Recife e, no Salão Nobre dessa casa de resistência democrática que é a Faculdade de Direito do Recife, o autor de "Sociologia", perante um auditório repleto e intensamente interessado e atencioso, pronunciou uma excelente conferencia intitulada "Antecipações de Nabuco".

O "Diário de Pernambuco" movimentou muito bem as comemorações do centenário de Joaquim Nabuco. O seu suplemento literário, dirigido por Mauro Mota, apresentou uma edição magnifica, no dia do centenário, com materia inédita sôbre o ilustre brasileiro. Os outros, do mesmo modo, deram a sua contribuição cultural para os festejos do centenário.

A revista "Região" circulou numa edição equilibrada e em condições de manter o seu prestígio nos meios literários do país.

Na Faculdade de Ciências Econômicas encontramos um grupo de rapazes inteligentes, de vários cursos e escolas, que constituem um "Centro de Estudos Sociais Castro Alves", e se interessam pelos problemas sociais e econômicos do Brasil, em condições de causar a melhor impressão.

Assistimos à representação, pelo Teatro Universitário de Pernambuco, da peça "Alem do Horizonte", de Eugene O'Neill, sob a direção de Ziembinsky. Oscar Cunha Barreto, Otávio R. Borges, Paulo Alcantara, Edissa Bancowski, Rubem Wien, Maria Bernadete, Margarida Cardoso, Reinaldo de Oliveira e Miguel Coutinho conseguem fazer o máximo no desempenho dos seus papeis, mantendo um equilibrio admiravel. Precisamos aproveitar a idéia de Marcelo Pessoa, um dos dirigentes do T. U. P., para trazer êsse conjunto à Bahia.

Além dêsse, existem e progridem no Recife o nosso conheido Teatro de Amadores, o Teatro de Estudantes, o Teatro dos Bancários e o Teatro Infantil.

Trazemos a melhor impressão do movimento cultural de Pernambuco, onde Mauro Mota, Edson Nery da Fonseca, Edson Regis, Luiz Torres, Aderbal Jurema, Otavio de Freitas junior, Marcelo Pessoa, Ziembinsky, Waldemar de Oliveira, Guerra de Holanda, Maurilio Bruno, Laureano Lima, Ariano Suassuna e tantos outros, inclusive a rapaziada inteligente e amiga da Faculdade de Direito e outras escolas, tudo fazem para a valorização cultural dessa bela provincia de Pernambuco no Brasil.

CIDADE DO SALVADOR, 28 — 8 — 1949.

O JAGUARIBE

JOSE' JAIME CARNEIRO

CHOVIA torrencialmente, desde a véspera. A chuva principiara manhã cêdo e prosseguira pela noite a dentro. Parecia que Deus novamente enfurecido, desejava flagelar a humanidade com as calamidades de um outro dilúvio.

Pela madrugada, João Bento acordou. Assustado. Um rumor enorme abalava tudo aquilo. A terra estremecia, como sacudida por fenômeno sísmico.

O sertanejo procurou as chinelas debaixo da rêde de tecum, e sentiu que a água ia entrando pela casa.

— Maria Mãe de Deus! Que será isso? exclamou. E, vestindo se apressadamente, foi até a porta e deu volta a tramela. O vento encanou-se pela choupana furioso, medonho, açoitando-lhe a cara.

No céu, os relâmpagos cruzavam-se, envolvendo tudo numa luz deslumbrante que desnorteava. Raios ziguezagueavam. O ar se impregava de ozone. O trovão estrondava, estralejava, ensurdecia.

Saiu para o terreiro. Percebeu então que o rio se alargava, crescia, inchava como uma sucurijú. Indomável, ganhava as ribanceiras, subia, extravasava, arrancando árvores, pearas, cercas, rebanhos...

Nunca o Jaguaribe estivera assim. Ainda no dia anterior deslisava tão pacidamente que mal se acreditava no que via.

Entretanto era exato. Depois de engrossado por muitos tributários, entre os quais o Banabuiú e o Sargado, e tão orgulhoso de todo aquele ípoderio, já não podia conter-se em si e, como grão senhor, rugia, turbilhonava avassalando o que encontrava na passagem.

Carnaubeiras e páus d'arco majestosos eram desenraizados e levados como se a correnteza se orgulhasse com aqueles troféus.

Fendiam as ribanceiras rachavam oscilavam e desabavam com estrépito.

Destroços de cabanas miseráveis passavam, e como que narravam a dôr imensa que despedaçava aquelas almas, sem teto de um momento para o outro, ao relento, açoitadas pela desgraça, flageladas pelo vendaval e pela chuva, numa noite cheia de pavor.

Bandos de pássaros, desaninhados, privam. Muitos fugiam, cegos, sem direção, e caiam ao solo, num ruflar triste de asas.

Reptis nojentos, surpreendidos nas tocas, nadavam, barafustavam sôbre a mole barrenta, procurando um ponto de apôio, a fim de fugirem à morte iminente.

E as ovelhas, tresmalhadas, berravam, enchendo a solidão duma tristeza que cortava o coração, enquanto a cachorrada, solta, latia furiosamente, aumentando a confusão.

De quando em quando, um estalar de árvore que caía, um ronco surdo dágua, invadindo os socavões.

Bento, sem poder refletir, ficava parado diante de tôdas aquelas cenas, imóvel qual a mulher de Loth após o castigo. Parecia não sentir a inclemênca do temporal e haver perdido a noção das coisas. Afigurava-se-lhe ser prêsa de um pesadêlo, a que em vão tentava escapar. A realidade pisava-o, esmagava-o.

A roupa encharcada. O frio sacudia-o. Uma largatixa pousou-lhe sôbre o pé, procurando não ser arrastada para a correnteza. Lançou-a fora, com um estremecimento de nojo.

Sentia um aperto no coração. Então seria verdade que o sonho que há tanto acariciava se desmoronasse como um castelo de baralho tangido pela ventania?

Seria crível que aquela natureza madrasta o atraiçoasse mais uma vez, empurrando-o nos braços da desgraça? E sua vida seria sempre assim? Cheia de esperanças e desilusões? Mais de desespero do que de ilusões? E onde estava aquêle bom Deus, que protegia os humildes, confiantes na sua bondade infinita?

E seu casamento, que faltava pouco tempo para se realizar? Quando seria Rosarema ainda teria paciência para esperá-lo? Quem sabia? Tinha outros pretendentes, que ambicionavam possuir aquela beleza

CESAR E CLEOPATRA

De Bernard Shaw

É MATÉRIA incontroversa para todos e em toda parte que poucos títulos assentaram tão próprimente a quem os traz, como êsse de "o rei do sarcasmo" ao renitente e supra-irônico irlandês Bernard Shaw. Há pouco mais de um lustro para atingir a um centenário de vida (o que é por si só um recordar invejável), trabalha, pontifica, surpreende pela sua capacidade, agudeza de espírito e sobretudo pela causticidade da sua ironia.

E dêsse homem, que já de há muito assegurou na História da literatura universal um lugar destacado, que as Edições Melhoramentos iniciaram a publicação de uma série de livros, principiando por êsse delicioso "Cesar e Cleópatra".

Não há como procurar adjetivos e comentários para realçar os méritos da obra, difundida e apreciada em todo o mundo como modêlo de crítica, ironia, irreverência á História, técnica teatral da mais apurada. Levada á tela com intensa repercurssão esta dramatização, livre porém empolgante, da côrte egípcia, contribuiu para que todo o mundo apreciasse sua finura e desenvoltura.

Acertada foi a escôlha da editôra. Não é sómente a trama puramente teatral que faz de "Cesar e Cleópatra" uma das obras mais acatadas de Shaw. Há comum acôrdo em afirmar-se que bastaria aquêle prólogo em que o deus Ra fala ao público e caustica costumes e procedimentos da nossa civilização para consagrar a peça. E que dizer do valor ilustrativo das notas finais, agudíssimos comentários em tôrno dos personagens principais, dos principais sucessos e da época? Depois de lê-los se é levado a admitir que não estaria completo o livro, sem tais notas.

Otima apresentação material e muito bôa a tradução do teatrólogo Miroel da Silveira.

Em tôdas as boas livrarias ou pelo Serviço de Reembôlso Postal nas EDIÇÕES MELHORAMENTOS — Caixa Postal 120 B — São Paulo.

morena, flôr do sertão, de carnes rescendendo por entre a chita lavada, sempre a mostrar as pernas roliças, os braços bem feitos, uns começos de seio sob os fios de renda.

Dois anos atrás fôra a sêca que viera impedir a realização daquêle anseio. Agora eram as águas enfurecidas que, destruindo tudo, lá se iam, levando-lhe a roça, todos os seus haveres, a gargalhar pelos barrancos e ravinas, zombando de sua infelicidade.

E, aos olhos da imaginação, aparecia-lhe a cabocla, tôda chorosa, enxugando as lágrimas, na ponta da saia encarnada.

Um soluço não poude ser reprimido. Saiu abafado, sacudindo-lhe o largo peito. Uma lágrima correu-lhe pela face, misturada com a chuva.

Muito tempo passou assim, pensando, descontrolado, exposto à tempestade.

Uma faisca elétrica, abatendo-se sôbre uma velha mangueira, rachou-a pelo meio, de alto a baixo. A árvore caiu estrépitosamente, arranhando-o com os ramos.

Esfregou os olhos. Parecia-lhe que o raio o tinha privado momentaneamente da faculdade da visão. Olhou para o levante, e percebeu que o dia ia nascendo.

Volveu o olhar, procurando a casa. Não viu nada. Apenas uma ingazeira, que se lhe erguia ao lado, assinalava o lugar onde ela estivera. As águas levaram-na.

Notou que o rio ai enchendo cada vez mais, que principiava a envolvê-lo. Fugiu espavorido. Era tempo. Uma tromba, dágua passou veloz, e por certo o teria arrebatado. Mais adiante voltou-se e olhou. O Jaguaribe era um mar revolto. Tinha uma largura imensa, bramia raivoso.

Bandos de papagaios e jandaias passavam pelo alto, grazinando...

x x x

João Bento encontrou uns rapazes, seus conhecidos, que tinham tambem perdido tudo o que possuiam com a inundação de suas plantações. Disseram-lhe que iam até Fortaleza, a fim de arranjar passagem com o govêrno para irem para o Amazonas. Lá é que era uma bôa terra. Sempre havia fartura. Ninguém morria de fome. Não havia sêca, e, quando a borracha dava dinheiro, tôdo o mundo enriquecia.

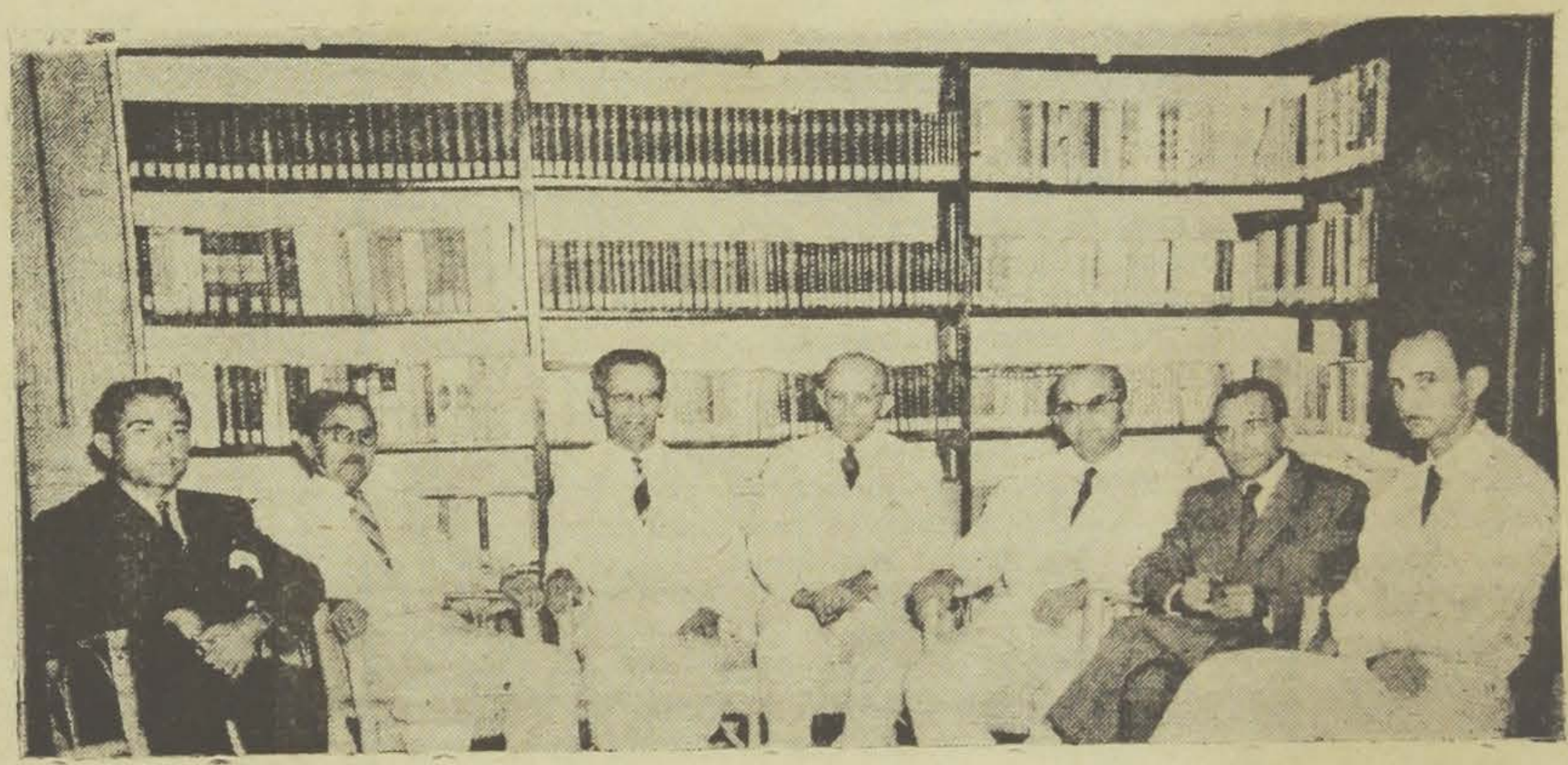
Logo uma idéia brotou no cérebro do sertanejo: ir também para aquela região de florestas e lendas, que o atraia desde a infância. Rumou para a casa de Rosarema, e contou-lhe o projeto.

Animosa, como era, ficou igualmente inflamada do desejo de emigrar, de ir em busca da sorte, bem distante dalí, onde as coisas pareciam tão incertas. Propôs então ao caboclo que se casariam antes, e partiriam logo que obtivessem condução, num navio do Loide, por conta do govêrno.

Seus lábios se aproximaram, e sentiram o sabor de um beijo rápido e quente. Assim selaram aquêle acôrdo, que viria dar novos rumos ao seu destino. Já achavam que a cheia jaguaribana fôra qual dedo de Deus a indicar-lhes a Terra do Promissão, o caminho da felicidade.

E durante a noite inteira não dormiram, pensando naquêle projeto, no futuro, no casamento.

Posse da Nova Diretoria da A.P.L.



NO dia 14 de setembro último tomou posse a nova diretoria da Academia Paraibana de Letras, récem-eleita por unanimidade, para reger os destinos daquela instituição durante o biênio 1950—1951.

O programa que a A. P. L. vem realizando, é digno de aplausos, graças ao esfôrço e à orientação do seu presidente, dr. Oscar de Castro, que vem colocando aquele centro de estudos em igual nível das instituições congêneres, honrando assim o patrimonio cultural d oEstado.

Na foto acima, colhida no salão da Biblioteca da A. P. L. veem-se, da esquerda para a direita, os acadêmicos Durval Albuquerque, Rocha Barreto, Oscar de Castro, Flóscolo da Nóbrega, João Lelis Veiga Junior e De Casiro e Silva, logo após a posse da nova diretoria.

Por motivo superior não compareceu o academico Álvaro de Carvalho, reeleito tesoureiro e uma das figuras mais destacadas das nossas letras.

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

SABINO BATISTA

1869 — 1899

MANOEL SABINO BATISTA, nasceu na vila do Teixeira, a 30 de dezembro de 1869.

Muito jovem ainda, seguiu para o Ceará, onde foi amanuense da Secretaria do Interior e, posteriormente, em 1896, promovido a 2.º oficial da mesma repartição. Também foi um dos fundadores, naquele Estado, da "Padaria Espiritual".

Faleceu a 16 de agosto de 1899.

Publicou: "Flocos", versos, Bibl. da "Padaria Espiritual" Editora — Ceará, e "Vagas", versos Bibl. da "Padaria Espiritual" Editora — Ceará — 1896.

MOCIDADE E VELHICE

I

Corre veloz a infancia idolatrada
E breve passa a rosea mocidade...
Além, eu vejo no futuro incerto
Um grande livro eternamente aberto,
Cheio de mágua e cheio de saudade...

Vêjo alongar-se pela negra estrada
Do meu passado que não tem conforto,
Um turbilhão de tenebras furtivas
Que vão levando as crenças fugitivas
E me deixando o coração já morto!

II

Mesmo não sei o que será, querida,
De nós, quando a velhice, sem piedade,
Fôr desdobrando as negras azas calmas,
Por sobre as nossas peregrinas almas
Onde crestou-se a flôr da mocidade.

Como ha de ser então pesada a vida
Neste mundo de dôres, desenganos!
Ter os cabelos alvos como a neve
E não ter n'Alma nem um traço leve
Das alvoradas dos primeiros anos!...

NO MEU ANIVERSARIO

Em vez de alegres versos joviais,
Hoje na lira vibro uns pobres ternos:
Canto na idade um longo ano de mais
E na alma algumas ilusões de menos...

Quanto me custa esta fatal lembrança,
A triste idéia de hoje fazer anos.
Me afujentar dos tempos de creança
Para fruir da vida os desenganos!

O tempo foge, e na veraz carreira
Vai pouco a pouco aniquilando os gosos
E os peregrinos dias bonançosos
Da mocidade garrula e fagueira!

E eu, dia a dia, cheio de saudade,
Vou antevendo triste, amargurado,
Sob as ruinas negras do passado
Ir-se atufando toda a mocidade!

A morbidez do gêlo da velhice
Vae-me apagando da alma lentamente
A rubra chama abrazadora, ardente,
Da radiosa e alegre meninice...

E em breve do alto píncaro da idade
Contemplarei imerso na distancia
(Ah! quanto peza esta cruel verdade)
Todos os gozos da perdida infancia!

Como hão de ser intérminos, medonhos,
Os meus sombrios dias de existencia,
Vendo desfeitos para sempre os sonhos
E as ilusões da rosea adolescencia...

Só em lembrar-me que a voraz garganta
Do tempo ha de tragar meus jovens dias,
Eu me contristo como Jeremias,
Ante as ruinas da Cidade Santa!

.....

Em vez de alegres versos joviais
Hoje na lira vibro uns pobres trenos:
— Canto na idade um longo ano de mais
E na alma algumas ilusões de menos!...

PROBLEMA

No fundo do trágico oceano
que ha no coração humano
lançou a ciencia uma sonda,
creando a psicologia
que calma, impassível, fria
lhe disseca onda por onda...

E o analista desde então
nos estuda o coração.
com o mais insano fervor,
mas sempre imerso no engano,
não sabe se mais humano
é o Odio — ou se é o Amor!.

A' QUE VAE PARTIR

Partes e eu fico... A agrura da saudade
E' mais ferina para os que não vão! —
E' esta cruel, esta fatal verdade
Que balbucia o fragil coração.

Ai! desde agora eu sinto a crueldade
da tua ausencia!... Que desolação!...
— Fôra melhor não termos amisade,
Fôra melhor não termos afeição!...

Que funda mágua me acabrunha agora
Que te vaes, que te vaes embora
Alheia à angustia que me vae ferindo...

Para fugires, para me deixares
Triste, saudoso e cheio de pesares
Fôra melhor! que não tivesses vindo!

"Na Espadana Branca"

BIOGRAFIA

CONVERSANDO com um colega, o poeta Heine indagou de seus projetos literarios.

— Vou escrever uma biografia de Kant.

E Heine, balançando a cabeça:

— Ora, Kant foi um filosofo. Não viveu e, portanto, não tem biografia.

"AUTORES E LIVROS"

ESTE é o titilo de uma secção do "Jornal de São Paulo dirigida pelo escritôr José Tavares de Miranda.

Nesta secção, o jovem intelectual informa para os inumeros leitôres daquele periodico as últimas noticias relativas ao movimento literário.

EDIÇÕES PORTUGUESAS

VÁRIAS obras do dramaturgo Gil Vicente têm sido ultimamente apresentadas pelas editoras portuguesas. Gil Vicente continua a ser um dos grandes assuntos da literatura lusitana.

— "Sorte" — é o titulo do romance de Fernando de Castro, esposa do escritor Antonio Ferro e que iniciou a sua vida literaria, há cerca de vinte anos como poetiza.

— "Antero de Quental e a Mulher": neste ensaio publicado precedentemente na Revista do Ocidente, Rui Galvão de Carvalho realiza um curioso trabalho de interpretação psicologica e literaria, visando, demonstrar que Antero de Quental, ao contrario do que comumente se diz, foi um homem sensivel aos encontros femininos e teve amores na sua vida.

CARTAS LITERARIAS

EM artigo publicado na última década do seculo passado e depois incluido no livro CARTAS LITERARIAS, Adolfo Caminha escrevia: "Produzimos anualmente cinquenta ou cem obras, das quais dez sofriveis cinco boas. A grande causa do atrazo a que me vou referindo é a vadiagem literaria, o amor á popularidade barata, a falta de escrupulos em tudo que respeita ás letras. A prova disso é que o genero menos cultivado é o romance, que demanda maior esforça".

DOIS LI VROS DE REINALDO BAIRÃO

Reinaldo Bairão, esse entusiasta representante da nova geração literária brasileira, está com dois livros prontos para entrar no prélo, intitulados, respectivamente. "Elegia a um poeta morto," elegia dirigida em 21 partes, e O PRIMEIRO DIA, que aparecêra, em principios de 1950.

O jovem escritor além desses dois volumes, anda, segundo soubemos, preparando um livro de ensaios e critica.

Para isso, está reunin vários trabalhos de sua autoria já publicados na imprensa do pais". O titulo desse livri de Reinaldo Bairão, denominar-se-á: P O E. SIA NOVA.

SUPLEMENTO LITERARIO D'A REPUBLICA

A REPUBLICA, de Natal, acaba de melhorar o seu suplemento literario, que tem como orientador o jovem folclorista Verissimo de Melo.

Apresentando nova disposição material, ao lado de boas colaborações da terra, o suplemento domingueiro daquele tradicional orgão de imprensa, está a merecer os mais francos elogios.

Por intermedio, de seu orientador, recebemos um exemplar da referida publicação, o que muito agradecemos.

"TRIBUNA DE PETROPOLIS"

Referente a junho do corrente ano, recebemos o numero 2 de Tribuna de Petropolis.

Tratando de arte, poesia, assuntos de importancia, o referido suplemento vem despertando interesse nos meios intelectuais do país.

TRIBUNA DE PETROPOLIS insere como sempre, em suas páginas, interessante trabalho de valor histórico.

O jornal mais antigo da Inglaterra é a "London Gazette": tem 283 anos de existência. Aconteceu o seguinte, quanto ás suas origens: por motivo da grande peste que assolou Londres em 1665, fugiram da capital inglêsa o rei Carlos II e sua côrte. Foram para Oxford, onde verificaram que não havia jornais. Como mandar vir gazêtas de Londres era sumamente perigoso, Carlos II ordenou que se fundasse a "Oxford Gazette," orgão que mais tarde veio a ser transportado e instalado em Londres, tomando então o titulo que ainda hoje conserva — "London Gazette."

"O ANEL DE SATURNO"

APÓS uma longa atividade na imprensa, fazendo critica literária, escrevendo ensaios, publicando artigos, recolheu-se Rosário Fusco a um silêncio que demorou alguns anos. A verdade porém é que o escritor não havia guardado a pena e o papel. Durante todo êsse tempo esteve estudando, trabalhando, amadurecendo planos. Tanto assim que os resultados não se fizeram esperar.

Dêle tivemos 2 romances: "O Agressor", em 1943 "O Livro de João", em 1944. E mais 3 ensaios e a promessa de outros livros.

Surge agora "O Anel de Saturno", teatro, numa edição limitada de 250 exemplares.

Rosário Fusco anuncia ainda: "Introdução à Experiência Estética, Ródia e Temas Eternos" — ensajos; "Carta à Noiva", romance; "Auto da Noiva, O Viuvo, o Anfitrião" — teatro.

PUBLICAÇÕES "CRONOS"

A revista CRONOS vai iniciar seu movimento editorial com uma série de trabalhos colecionados sob o titulo "CADERNOS DA NOVA GERAÇÃO," os quais abrangerão teatro, ficção, critica, poesia, ensaio, folclore, arte etc.

Até agira foram prograd os: os seguintes trabalhos

"CADERNOS DA NOVA GERAÇÃO" Ficção — "Sete Cartas," livro de estréia de Célio Lyra — "Personagens no tempo," de Saldanha Coêlho — Ensaios — "Alguns estrangeiros no Brasil" de Léo Rodrigues de Almeida. — "Literatura e Filosofia," de Nisio Batista Martins. — Teatro — "O Rei da floresta" de João Bethencoua. — Poesia — "Posia de hoje," coletanea organisada por Pedro Luis Masi.

BANDAS DE MUSICA

JOÃO DA VEIGA CABRAL

A Banda de Música contribuição á história da Policia Militar da Paraiba tem uma história muito interessante, que merece ser contada á parte. Dela darei um resumo em trabalhos posteriores, que escreverei de seguida sobre o gênero bandistico e o seu papel destacado na evolução musical do Brasil. E não deverei esquecer, nesses estudos futuros, a devida menção honrosa ás marchas militares, aos dobrados — os frutos mais viçosos e mais legitimos dos bocáis, das caixas e das palhêtas. Os bons, os saborosos e entusiasmantes dobrados dos momentos cívicos e dos vivórios ás ascenções políticas. Não é que as colsas mais importantes do Brasil vêm sendo engendradas, faz bem dois séculos, ao som e ao rítmo dessa música forte, dinamogênica, latinamente vibrante?...

— X —

Solicitação aos que sabem — As pessôas que, neste Estado e nos demais do Nordeste, sabem de colsas, fatos, datas sobre bandas de música, filarmônicas, euterpes existentes ou extintas de capitáis e cidades do interior, solicito a bondosa colaboração. Queiram envia-las ao redator desta secção, endereçadas a CLAVE — Correio das Artes — Redação da "A UNIÃO" — João Pessôa — Paraiba. Não ficarão esquecidas no estudo e divulgação que pretendo empreender, como uma contribuição á história da música brasileira, de assunto ainda tão injustamente posto á margem.

Curso de Piano "Guiomar Novais" — Esta excelente escola, dirigida com muita competencia e gosto artistico pela professora D. Maria do Carmo Gouveia Loureiro realizará, em dias de Outubro proximo, um bem programado recital Chopin. Mais uma valiosa contribuição ás homenagens que a Paraiba pretende prestar, pelo seu centenario, ao insigne "poéta do piano".

— X —

Afirmar-se, o Conservatório — Cresce, dia a dia, o numero de matrículas aos cursos do Conservatório. No velho edificio da Praça do Carmo, já se tornam acanhadas as salas, para comportar os alunos daquele joven instituto, o que começa a dificultar, seriamente, uma bôa distribuição de horarios das materias nele lecionadas. Sucedem-se as aulas, durante todo o dia. A pobresa do aparelhamento didático tambem é outro sério assunto a solucionar. O número e a frequencia de estudantes já estão a reclamar reforma e ampliação. A ocorrencia de problemas dessa ordem não são mais que a prova irrecusavel de quanto está se impondo á consideração da nossa sociedade esse tão útil estabelecimento de ensino musical.

CONCEITOS E CONTRASTES — Pouco tempo antes de morrer, declarava Maurício Ravel, numa entrevista: "A grande música sempre nasce do coração. A música criada pela técnica e pelo cerebro não vale o papel que nela se gasta"...

Enquanto isso, é bem conhecido o conceito de Igor Stravinsky de que o músico pode escrever as suas composições no frio estado de ânimo com que um tabelião registra uma escritura de compra e venda.

O que haverá de absoluto e de relativo em conceitos tão contrastantes? Quem ouvir, ao mesmo tempo com o espírito e com a atenção de um artista e de um analista, as obras desses dois colossos da música hodierna, em ambos encontrará a presença de um grande coração, a par de uma técnica cerebrina, requintadissima...

CANTIGA DE AMOR

DARCY DAMASCENO

ESTA SAUDADE INSOFRIDA,
MAIS QUE SAUDADE, SENHORA,
E' VONTADE DE AQUI TÊ-LA.

SE PARTO LEVO COMIGO
VONTADE TAL, MAS SE FICO
AINDA E' SAUDADE, SENHORA.

MAIS QUE SAUDADE, SENHORA,
E' CONSTÂNCIA DE QUERER-LHE.
ESTA VONTADE INSOFRIDA
QUE LEVO POR ONDE FICO.

"JORNALISTA PARAIBANO DA QUINAU NUM REPORTER PAULISTA"

COM o titulo acima, o escritôr Alcantara Silveira, em sua secção SÃO PAULO NAS LETRAS E NAS ARTES, do suplemento literário de "A Manhã", do Rio, LETRAS E ARTES, publica o seguinte:

"Eis ai um belo titulo para quem quisesse mostrar a fraqueza das informações que aparecem semanalmente nesta página dedicada a São Paulo. E a prova da afirmação seria facilima: apenas um recorte do "Correio das Artes", suplemento de "A União", de João Pessôa, na qual o sr. Gasparino Damata noticia o lançamento do "Jornal de Lêtras", dos irmãos Condé, aqui em São Paulo. Segundo o noticiarista, o lançamento foi feito num coquetel realizado em casa de Oswald de Andrade "que num discurso rápido, incisivo, agradeceu o comparecimento de todos, desejando ao "Jornal de Lêtras uma vida longa cheia de sucessos".

Fico muito grato ao caro Edson Regis por me dar a fonte onde devo colher as novas literais de São Paulo. E aos irmãos Condé peço desculpas por não ter noticiado o elegante coquetel oferecido por Oswald de Andrade em honra do seu jornal. E para me excusar desta falta involuntária, recomendo aos leitores o próximo número do "Jornal de Lêtras" — "uma revista seria que estava fazendo falta nos nossos meios literarios", segundo diz o sr. Gasparino Damata, de João Pessôa..."

Correio das Artes

JOÃO PESSOA, 2 DE OUTUBRO DE 1949

(FOTO DE G. STUCKERT)

A referencia turistica da cidade: a Lagôa. Como a ponte sôbre o Tamisa, em Londres, a Torre Eiffel, em Paris, o Pão de Açucar, no Rio, as ruinas do Coliseu, em Roma, aquí está o Parque, em toda a sua cromatica beleza, num simbolismo natural de paz e de recolhimento. Na morna fadiga dos dias quentes, suavisa e conforta, cheio de essencias remotas, de côres e de sons. Em cima de um labirinto movediço de luzes e de sombras e de folhas caídas e de rastos anonimos, canta o vento solto que vem do mar, nas frondes buliçosas, harpejos e soluços de mil violoncelos. A mão do homem aperfeiçoou-o, ante os imperativos da extensão urbana, ha certo tempo. Mas respeitou a caracteristica da paisagem, deixando a sua vegetação intacta, com o seu bambual que range e adormenta, a folhagem de musselime das acacias e até as alamedas núas guardando no recesso poeirento o traçado que lhes dera os passos perdidos dos almocreves romanticos. Por isto maior a sua beleza, mais acolhedor o seu silencio azul sereno e dôce. Duas épocas em confronto: a simetria necessária do presente e a permanencia agreste do passado como uma revivescencia, um convite á meditação, á saudade e á prece